

O que é poesia?, de Sousa Dias

EDUARDO APARECIDO DE OLIVEIRA
Universidade de São Paulo

O que é poesia?, de Sousa Dias, nos sugere de imediato a questão sobre como, em um livro de poucas páginas, é possível abordar um assunto complexo (e com registros de linguagem tão diversificados), como a poesia. Porém, logo de início, nota-se a capacidade do autor de ir direto ao ponto e sem a necessidade de citações enciclopédicas como forma de legitimar seu pensamento. Alguns poucos teóricos são referenciados em suas análises, servindo para exemplificar, explicar o assunto que o autor estuda. Ir diretamente ao núcleo da discussão – indagação que dá o título ao livro, tema clássico se pensarmos toda uma produção teórica desde a *Poética* à *Filosofia da Composição* etc. – foi pretensão de poucos. A maioria das abordagens são sucintas ou indiretas, o que não é para menos se pensarmos nas diferentes formas poéticas existentes na história da literatura.

O autor divide seu livro em curtos capítulos denominados: “Poesia, arte bilingüe”, onde tratará da “segunda” língua criada pela poesia; “A experiência poética”, cujo intenção principal é mostrar a poesia como função da linguagem e não das experiências vividas; “Com que palavras e sem que palavras?”, o autor se concentra no pensamento de Manuel Antonio Pina sobre sua criação; e o último ensaio “Partir, evadir-se, traçar uma linha”, no qual questões deleuzianas sobre a escrita ganham destaque. O que deve ser ressaltado é a propriedade com que o estudioso trata a produção poética. De forma atual e bem fundamentada teoricamente, Sousa Dias rompe de vez com o paradigma romântico da subjetividade no que envolve o tema de seu livro.

No capítulo “Poesia, arte bilingüe”, Sousa Dias mostra que “*a grande poesia não deve ter vocação realista no sentido corrente*”. Deve ir além, no campo da imagética, possibilitando “*ver mais realidade*”, através de um poder sensível, não intelectual, de “*revelação ontológica, cosmológica (ao contrário do esteticismo)*” (p. 8).

Portanto, a poesia se faz em um cotidiano não imediato, capaz de trazer à visão comum dimensões do real que muitas vezes passam despercebidas.

Tendo a poesia a potencialidade de olhar de forma ímpar o seu entorno, acaba por criar uma nova dimensão de real – ainda que seu material básico parta da concretude e sua ferramenta seja a língua comum. A poesia usa a língua-mãe para revelar o que ela própria não revela. Para isso, faz uso de uma espécie de jogo, inventando uma língua na língua, forçando contra os limites e as impossibilidades da linguagem, “*violência contra a língua comum*” (p.9). Sendo assim, a poesia surge como uma “voz bilingue”, através da qual a língua-mãe é, a um só tempo, falada e não falada, dizendo respeito a um idioma preciso, deixando, também, de ser restrita ao seu domínio. E essa violência da poesia contra a linguagem, acaba sendo contra a sensibilidade também. A perda frente a um poema é flagrante, uma vez que conhecemos os signos, mas não conseguimos construir imediatamente um significado, um entendimento a contar apenas com os recursos da língua comum, da língua-mãe. Portanto, a linguagem poética conduz a uma “*auto-superação do sentir*”, ao “*acesso a uma sensibilidade sem medida pessoal ou até mesmo humana*” (p.10).

Se a língua comum tem como objetivo fazer referência ao real, na poesia a intenção é outra. Sua referência é a vida, mas não com o intuito de exprimir sentimentos ou a vida, mas por criar vida. Poesia não é sentimento, é linguagem, afirma Sousa Dias. A emoção fixada no poema é uma sensação criada com palavras, experiências de linguagem, de transmissão emocional pela linguagem. As emoções pessoais do poeta são erguidas a um plano emotivo impessoal – o eu do poema não é o eu do poeta (ênfatiza Sousa Dias uma afirmação sempre importante para ser lembrada) –, a traços (picturais e musicais) de emotividade pura. “*A emoção não é causa mas efeito do poema, não é um vivido-exprimido mas um possível (uma emoção possível) produzido*” (p.11). Assim, a poesia faz “*ver num dizer o que, no ser, não é dizível*” (p.15). Não há outra forma a não ser pela abertura de uma percepção rumo a um Fora, mas que só é acessível a partir de dentro (da linguagem operada pela poesia). “*Inventar uma língua nova, uma heterolíngua poética até o limite, forçando um desvio da significação referencial*” (idem). Em resumo,

Ela (a poesia) faz-se com as palavras práticas da linguagem quotidiana, mas para as recombinar segundo outras regras e assim constituir, por desvio cria-

tivo, uma ‘outra’ língua, uma língua de imagens, uma estranha língua pictural. Para criar com elas, com seu jogo combinatório alógico em ‘sintaxe de exceção’, com suas surpreendentes aproximações e afastamentos decorrentes desse jogo, as suas consonâncias e dissonâncias rítmicas e semânticas, sentidos que não são já significações mas visões, ‘vidências’ na acepção rimbaldiana, efeitos extra-linguísticos: uma transcendência luminosa das palavras, palavras alucinadas, palavras-luz (p.16).

A palavra na poesia surge não como signo referencial, “signo de”, significado que remete a outra coisa, mas somente como “signo”, elemento auto-referente, ou seja, produz sua própria realidade significada.

Em “A experiência poética”, dentre os vários mitos em circulação acerca da poesia, que Sousa Dias acaba por romper, está a idéia de que não se trata de uma expressão literária do vivido. O sucesso do poema, a exatidão das suas palavras, se encontram, paradoxalmente, no silêncio: margem exterior da linguagem presentificada como sensação do indizível. A poesia passa a ser uma linguagem que “nada diz”, ou melhor, uma linguagem que força os limites do dizível, tangenciando a impotência do dizer.

O fato de existir uma impessoalidade – a voz poética não ser de ninguém – permite ao poema tornar-se voz de outros, ser por outros apropriado como “seu”. Apossando-se dessa visão de alteridade, o leitor, por exemplo, passa a ter a experiência de *“abertura da sensibilidade para lá do horizonte natural dos dados sensíveis, de fixação num dizer de sensações do indizível das coisas mais simples”* (p.29). Essa função de ruptura, de embate da poesia com a linguagem, que é comum a outras artes, é o que Deleuze, citado por Sousa Dias, afirma: passar pelo finito, confrontar-se com o finito, para restituir o infinito. A poesia seria, portanto, como afirma a tese de Jean-Luc Nancy, uma resistência à infinitude vocacional da linguagem, ou seja, sua tendência em querer ser capaz de tudo abranger, de tudo significar, *“pretensão constitutiva da linguagem a dizer a totalidade do ser”* (p.32).

Portanto, por um lado, temos um sistema que visa unicamente à comunicação (língua comum), a qual tem a pretensão de tudo nomear; por outro, surge a poesia e re-significa o signo arbitrário (Saussure) desse sistema sem o descaracterizar, porém, trazendo algo que está imerso na palavra – aflorando determinada sonoridade, uma imagem, um jogo de palavras etc. – não antes reconhecido fora desse âmbito poético. De fato, nosso sistema linguístico

– por não ser icônico, mas simbólico – tem por natureza uma disposição linear e imposta; é nesse sentido que a poesia – como toda arte – surge como resistência a um sistema determinante que pretende tudo abranger (Nancy), conduzindo sempre a uma condição estática que não vai além do significado *sensu comum* praticado por um grupo linguístico.

A poesia, diferentemente, abre nossa percepção a uma imagética não antes percebida, um visão diferente, de “mais realidade” do real. A prova da finitude e falibilidade da linguagem comum é a própria poesia quando se apossa dos signos distorcendo-os, re-semantizando-os. O uso frequente (coloquial) de uma palavra conduz à perda do seu significado abrangente, uma espécie de banalização semântica do vocábulo. A poesia ao tomá-la, a lança para fora da língua comum, mostrando um ângulo posterior (como em Picasso) escondido da palavra, ou melhor, que a língua comum nos impedia de ver. Então, constata-se a capacidade de abrir o signo – o poema – para além, sem mais fechá-lo, não dizendo a totalidade do ser, mas o infinito deleuziano.

Assim, a poesia surge, na verdade, como uma experiência criada ou fixada na linguagem através de uma transformação alucinatória da experiência comum, assinalada por percepções de um excesso do real, abrindo-se a uma outra visibilidade ou sensibilidade: *“imagens-sensação (geométricas ou rítmicas, figurais ou abstratas, materiais ou vazias) ao mesmo tempo ópticas e cerebrais, imagens-pensamento de um cérebro-olho”* (p.35).

No capítulo “Com que palavras e sem que palavras?”, Sousa Dias procura mostrar o pensamento teórico interiorizado na poesia de Manuel Antonio Pina, tal como apreende nas entrevistas de *Dito em voz alta*, no que diz respeito à autonomia da palavra poética e da consciência de um “não saber” inerente à escrita: *“domínio da obscuridade”* (p.37). É importante salientar a aversão do poeta às incursões teóricas, dizendo que a poesia seria por si só o seu próprio pensamento ou a teorização sobre poesia.

A partir da análise da produção de Manuel Antonio Pina, o autor propõe uma exposição, que se dá através de *“traços correlativos mais ou menos recorrentes”* (p.38), como a idéia do escritor como leitor de si mesmo, que por sua vez afetará o leitor através do poema, revelando, tornando dizível o que em nós e no mundo permanece indizível ou incompreensível, *“algo que o leitor já sabia mas não sabia que sabia”* (p. 39). Sobre autonomia da poesia, o autor pontua, a figuração teatral da pessoa (o “eu” e o “tu” como personagens) que se encontra presente

em um tempo que sobrevoa o tempo vivido, uma “*íntima presença do poeta diante de sua própria ausência ou impossível identidade*” (p.41), uma voz impessoal.

As idéias poéticas nascem das palavras, “*do seu jogo na topologia do poema, dos efeitos visuais e musicais desse jogo*” (p. 42), e essas são o que justifica e dá prestígio ao poema como arte, as imagens que constrói com palavras e com um além das próprias palavras, um “fora” delas indizível só possível através delas, forçando ao limite da linguagem. A consciência do “não saber” – domínio da obscuridade poética – está no fato de que a poesia “*não está no que diz mas no indizível do que diz e que é a razão desse dizer*” (p.44). A voz poética surge como “infalável”, aquela que fala ou tenta falar sob a linguagem e a memória. De uma muda “revelação” de nós e do Ser por detrás das cortinas das palavras e das lembranças, que o tempo pode apagar, deformar ou distorcer. Fica, então, evidente, nesse capítulo, a idéia de autonomia da palavra poética, nuclear ao seu estudo.

“Partir, evadir-se, traçar uma linha – Deleuze e a literatura” finaliza *O que é a poesia?* nos revelando como a literatura ocupa lugar importante no pensamento do autor de *O que é a filosofia?* (livro escrito em parceria com Félix Guattari). Tal articulação na filosofia deleuziana se dá por sua particularidade em usar o dado extra-linguístico com outra finalidade no campo da literatura (p.47). O filósofo valoriza o que Sousa Dias define como um paradoxo constituinte da criação, *uma vocação não literária*. “*O grande escritor, diz Deleuze, nunca escreve para se tornar escritor mas outra coisa que passa pela escrita mas a ultrapassa e que ao mesmo tempo faz da escrita mais do que escrita*” (*Idem*)

Para Deleuze, a literatura não deve ter a intenção de dar forma a uma matéria vivida, de recriar a vida real das pessoas como vivência imaginária, mas sim de inventar linhas possíveis, de abrir a novas possibilidades, fixar passagens (ou devires) e fazer delas “monumentos” estéticos. Criar visões e sensações de uma vida não pessoal, de uma possibilidade existencial distinta dos estados vividos, uma abertura ao ilimitado e ao infinito de uma vida possível. “*Não há arte literária, para Deleuze, sem essa travessia, sem ser essa travessia, essa passagem do horizonte do vivido, essa entrada numa outra vida*” (p.49).

Para o autor, partindo de Deleuze, o escritor inspira-se no vivido, parte do “eu”, dos seus estados “perceptivos e afectivos”, para ultrapassá-los e aderir a um outro tipo de percepção e afecção que excede todas as vivências, extraindo novas sensações e fazendo viver (na literatura) sua própria vida. Tais afectos e perceptos são acontecimentos criados pela literatura que os

criam pela linguagem, mas não acontecem na linguagem, são-lhe exteriores, ocorrem num limite exterior da linguagem – e não à linguagem, separado desta. Não existe fora dela, antes é o seu fora, “*a sua ponta extrema, laminar*”(…), “*num silêncio das próprias palavras preenchido por visões e audições*”(p.54), como que entrando em transe, onde as palavras desatassem já não a dizer mas a pintar e a cantar; sendo assim, para Deleuze, a literatura é essencialmente música e pintura. Ao criador do texto poético mostra-se inevitável “*ferir a sintaxe da sua língua, de torcê-la ou distorcê-la, de violentar o dizível como condição de atingir o exterior assintático da linguagem onde já só é questão de ver e ouvir*” (idem). Assim, o escritor encontra seu estilo através de uma nova “sintaxe desviante”, “incorreta”, escavada na sintaxe normativa da sua língua, como condição de vidência, como “*Idéias estéticas (sensíveis) autônomas, impessoais*” (p.55).

No encerramento, o filósofo português encontra Deleuze como intercessor de suas incursões percucientes pela análise contemporânea da poesia, frisando-a como “*a criação de uma língua de imagens, língua imagética pura*” (p.58).

Sousa Dias traçou, com *O que é poesia?*, uma concepção estética que permite contradizer uma visão romântica ainda vigente acerca de subjetividade e escrita. Ao responder diretamente *o que é poesia*, revela o interior da questão; não apenas do fazer poético, mas do ser poesia como linguagem autônoma, que mesmo criada por alguém, desprende-se para viver uma realidade própria a cada leitura, em cada tempo, restituindo o infinito, tão caro e inaceitável à razão humana.

Referências Bibliográficas

- PINA, Manuel António. *Dito em voz alta*. Coimbra: Pé de Página Eds., 2007
 DIAS, Sousa. *O que é poesia?* Coimbra: Pé de Página Editores, 2008.